

MESA REDONDA 02: O pesquisador e a pesquisa em Musicoterapia no Brasil

A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR NO BRASIL

Denize Bouttelet Munari¹

Resumo: A ciência e o conhecimento científico é uma conquista humana que sempre desafiou o homem na busca de compreender a natureza, a si mesmo e a melhorar suas condições de vida. A música como manifestação da ação humana sempre foi apontada como importante recurso de desenvolvimento da vida e, nesse sentido, a musicoterapia merece lugar de destaque em função das inúmeras possibilidades que abre no contexto do cuidado do ser humano. Assim, na formação do musicoterapeuta é fundamental o estímulo para a concepção do trabalho por meio da pesquisa, pois esta fortalece suas ações e sedimenta o conhecimento produzido por esse profissional, delimitando seu campo de ação e demonstrando o valor do seu trabalho. No presente trabalho, discutimos alguns aspectos fundamentais na formação do pesquisador no Brasil e os desafios das instituições formadoras na busca da excelência no desenvolvimento de conhecimento e divulgação do mesmo em veículos qualificados e de impacto junto a comunidade científica. A política de formação de pesquisadores no Brasil é, há muito, organizada e direcionada por duas grandes agências governamentais que definem critérios de funcionamento de cursos de pós-graduação *stricto sensu* para a formação de mestres e doutores (CAPES), bem como ditam os rumos da pesquisa no Brasil delimitando linhas prioritárias de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento e financiando as mesmas, e estimulam a formação de jovens pesquisadores ainda na graduação como os programas PIBIC/PIVIC e mais recentemente o PIBITI (CNPq). Esse contexto faz do Brasil um país onde a pesquisa é financiada, em grande parte, por ações governamentais que além das agências já citadas podemos lembrar ainda das iniciativas de fundações estaduais. A qualidade da pesquisa e da formação de novos pesquisadores no Brasil tem um lugar respeitável no cenário internacional, mas o impacto do conhecimento produzido no país é, como em todo o mundo, medido pela divulgação desse conhecimento em veículos validados pela comunidade científica. Nem sempre é fácil aos brasileiros, alcançarem com sua produção, a publicação em periódicos de padrão internacional e, portanto, de alto

¹ Enfermeira Psiquiátrica. Especialista em Gestão e Coordenação de Grupos pela SOBRAP/GOIÁS. Dra. em Enfermagem. Professora Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. denize@fen.ufg.br

impacto. No entanto, esse fato tem sido um desafio para todas as áreas do conhecimento, embora para algumas, o Brasil é referência na produção de novos conhecimentos em nível mundial. Assim, o que colocamos em pauta nessa discussão são os desafios que temos no processo de formação de novos pesquisadores e no desenvolvimento do conhecimento comprovadamente capaz de oferecer melhoria na qualidade de vida do homem. O primeiro dos grandes desafios é a mudança da cultura do corpo docente para a produção do conhecimento como base para a inovação e a formação dos novos profissionais. Aqui defendemos o direcionamento da produção científica como uma ação cotidiana do docente, que alimenta o processo de ensino e fundamenta suas ações junto a sociedade, de forma articulada e interligada. Acreditamos que com essa concepção, o docente seja capaz de direcionar a formação dos jovens profissionais e estimular a pesquisa daqueles já inseridos no mercado de trabalho para a produção de conhecimento que mostre a importância de cada profissão. No nosso entendimento, isso é possível quando planejamos a formação do aluno ainda na graduação para que este seja, inicialmente, um consumidor de pesquisa e não um mero reproduzidor do que o docente traz no contexto da sala de aula. Despertar o aluno para a pesquisa, na concepção de Demo (1997) é o fundamento para a formação de um profissional dinâmico, criativo e transformador. Nesse sentido, é imperativa a organização da formação do aluno voltada para os diversos aspectos que envolvem a vida acadêmica para além do ambiente de sala de aula e dos horários pré-determinados pela grade curricular, como a participação em eventos científicos, a participação em programas de iniciação científica com financiamento ou voluntariado, estágios extracurriculares e, principalmente, viabilizar o aprendizado da divulgação do conhecimento. O outro aspecto igualmente importante é a estímulo à cultura da produção de pesquisa como fundamento para a melhoria da vida das pessoas e não apenas como uma etapa a ser cumprida no final de um curso de graduação ou pós-graduação. O profissional precisa ser estimulado a pensar a pesquisa a partir das demandas sociais e dos problemas que encontramos no cotidiano. Apenas nessa direção as pesquisas que fazemos têm lugar, impacto e reconhecimento no meio científico e para a sociedade. Esse movimento é capaz de projetar a profissão, delinear sua área de atuação, mostrar sua importância e relevância social. Considerando que a musicoterapia é uma profissão em franca ascensão e de fundamental importância como recurso terapêutico no cuidado humano, consideramos que a mudança da cultura no contexto das universidades para um ensino que valoriza a pesquisa como fonte de fortalecimento profissional é aspecto relevante para uma mudança que pretendemos. No

entanto, nenhuma pesquisa faz sentido ou transforma algo se sua divulgação é restrita aqueles que a produziram. Conseqüentemente, a única forma de fazermos a diferença e mostrarmos a que viemos é apresentando a comunidade científica e a sociedade os produtos gerados, que se consumidos referendam nossos esforços e nos abrem novos caminhos.

Referência Bibliográfica

DEMO, P. Educar pela pesquisa. São Paulo: Editores Associados, 1997.